

STRAEHLE, Edgar. *Los pasados de la revolución. Los múltiples caminos de la memoria revolucionaria*. Madrid: Ediciones Akal, 2024.

José Antonio Abreu Colombri¹

¹ Licenciado en los programas de Historia (2008, Universidad Complutense de Madrid) y Periodismo (2010, Universidad Rey Juan Carlos). Doctorado en el programa de Estudios Norteamericanos. Ciencias Sociales y Jurídicas (2016, Universidad de Alcalá).

A publicação faz um grande esforço para sintetizar teoricamente o fenômeno dos processos revolucionários contemporâneos e suas consequências na cultura popular. O Dr. Edgar Straehle busca diferenciar o conceito histórico de revolução moderna e seus eixos de ruptura em relação à ideia de revolução pré-industrial (com suas noções culturais e aspirações restauracionistas). Ao longo dos blocos temáticos do livro, a obra reflete sobre a origem terminológica e o significado teórico da revolução, ou seja, o significado da transformação da realidade presente e da concretização de objetivos futuros. Nesse sentido, a oralidade, a cultura memorial e a tradição organizacional são aspectos fundamentais para a formação das fontes e o estudo da metodologia da revolução. A obra, publicada em 2024 em formato de ensaio, é composta por uma introdução geral, treze seções temáticas, uma lista de agradecimentos e um epílogo.

“A tradição revolucionária, um oxímoro” é o título da introdução. Nessas primeiras páginas, o autor reflete sobre os grandes pensadores do século XIX e da primeira metade do século XX (Karl Marx, Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin, Emma Goldman, Antonio Gramsci, Rosa Luxemburgo, Frantz Fanon, Angela Davis, Simone de Beauvoir, etc.) que teorizaram sobre a dissidência sociopolítica e as queixas populares, revisando a memória coletiva construída ao longo da Idade Contemporânea. O texto foca também nas múltiplas interpretações históricas que surgem da propaganda dos fatos e eventos de protesto popular.

O primeiro bloco temático é constituído pelos seguintes títulos: “Crise da tradição, ascensão da memória” (capítulo um), “Enterrar ou desenterrar os mortos” (capítulo dois), “Reler a tradição, repensar a revolução” (capítulo três) e “Revolucionar a revolução, revolucionar a tradição” (capítulo quatro). De forma transversal, estas páginas refletem sobre

as origens culturais e metodológicas do fenômeno do protesto cidadão, centrando-se também nos conceitos teóricos clássicos e nos imaginários coletivos sobre a ideia de ordem e justiça social. O Dr. Straehle traça de modo muito amplo as trajetórias do pensamento coletivo ao longo do tempo, tomando como referência as principais contribuições teóricas de cada geração de pensadores sociopolíticos acerca da fenomenologia derivada da revolução. Nesse sentido, o trabalho aprofunda a análise sobre como cada processo revolucionário condiciona os movimentos de protesto subsequentes.

O segundo bloco temático é composto por: “É possível acabar com uma revolução?” (primeiro interlúdio), “1871, 1917, 1968” (capítulo cinco), “Hannah Arendt e a Revolução Americana” (capítulo seis), “A revolução e os problemas de recepção” (capítulo sete) e “Representar a revolução” (capítulo oito). Nesses capítulos, o autor faz, simultaneamente, uma reconstrução descritiva e interpretativa da natureza e da periodização da revolução e de suas derivações sociais e intelectuais. Retoricamente, levanta uma série de questões sobre o fim do fenômeno do protesto, os referenciais teóricos da mentalidade revolucionária em ambos os lados do Atlântico e os problemas de integração da maioria social no processo revolucionário.

Para o encerramento argumentativo e a sustentação das hipóteses iniciais, o Dr. Straehle reflete sobre a mitologia popular e historiográfica que surge em torno de processos revolucionários fracassados, a importância das minorias e dos sujeitos históricos que foram tradicionalmente deixados de fora da memória e da narração do processo revolucionário, dentro e fora do mundo acadêmico, até muito recentemente. Este bloco inclui ainda as possíveis assimetrias motivadas pela fenomenologia do protesto cidadão nos contextos da modernidade e da contemporaneidade. O terceiro bloco temático é constituído pelos títulos: “A memória comunitária e a desrepresentação da revolução” (segundo interlúdio), “A história das mulheres e os espaços da tradição oculta” (capítulo nove), “A herança como problema e desafio” (capítulo dez) e “A Revolução Haitiana e as assimetrias da revolução” (capítulo onze).

Na seção final, Edgar Straehle sublinha que todos os modelos analíticos da revolução devem ser críticos e eliminar qualquer elemento de mitificação, de forma a abordar com precisão e veracidade os temas propostos. A tradição intelectual valoriza o movimento revolucionário como uma reação à tirania e à desigualdade e, por isso, deve estar exposta à



renovação do pensamento atual e à reinterpretação dos acontecimentos passados. Nesse sentido, os teóricos da revolução devem evitar a sacralização do passado e a narração acrítica de qualquer evento histórico.

Resenha submetida em: 02 de março de 2025
Aprovada para publicação em: 30 de junho 2025